

MOACYR SCLIAR

# A poesia das coisas simples

*Crônicas*

*Organização e prefácio*  
Regina Zilberman



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by herdeiros Moacyr Scliar  
Copyright da organização © Regina Zilberman

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Victor Burton

*Pesquisa*

Lucia Maria Goulart Jahn

*Preparação*

Leny Cordeiro

*Revisão*

Renata Del Nero

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Scliar, Moacyr, 1937-2011.

A poesia das coisas simples : crônicas / Moacyr Scliar ;  
organização e prefácio Regina Zilberman. — 1ª ed. — São Paulo :  
Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2171-7

1. Crônicas brasileiras 1. Zilberman, Regina. II. Título.

12-10687

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira 869.93

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

Cronista e leitor — Regina Zilberman, 9

## I. LEITURAS, LIVROS, LITERATURA

O papo é a literatura, 23

Erico, literatura e medicina, 26

Três leituras de engajamento, 29

Que país é este? O impasse da literatura brasileira, 32

Modesto, pouco prático; amável, arrebatador, 35

A paixão do texto, 37

Em busca do livro perdido, 40

Sobre centauros, 43

Uma discreta sinfonia para duas gerações, 46

Os livros de cabeceira, 50

Um mestre da história curta, 52

O que a literatura tem a dizer sobre a guerra, 55

Um dia, um livro, 58

A Jornada é a vida, 61

Quem são os vendilhões do Templo?, 63  
Literatura e carnaval, 65  
Um estreante chamado Erico, 67  
Livros e intolerância, 71  
Ler faz bem à saúde, 73  
A Bíblia como literatura, 75  
Literatura e política, 78

## II. PESSOAS E PERSONAGENS

Três da Ucrânia, 83  
O humor de Woody Allen, 86  
O sol de Amsterdam, 89  
Reencontro, 92  
Emília é que sabia das coisas, 95  
Ele é o Brasil, 97  
Ligia, um ano depois, 100  
Retrato de um escritor, 102  
Tio Henrique, e o pedreiro que assobiava, 107  
E agora?, 111  
A bordo do divã, 114  
Uma vida entre os livros, 116  
A vida de uma operária, 118  
A poesia das coisas simples, 121  
A fragilidade do intelectual, 123  
Um cavalheiro da literatura, 127  
O analista do Brasil, 131  
Um grande escritor e um grande homem, 134  
Olhar melancólico, 136  
A grande tarefa de nosso tempo, 138  
Menos mágicos, mais realistas, 141  
O tríplice Cyro Martins, 144

O sentido do movimento, 147  
Réquiem para um contador de histórias, 149  
Retrato do artista quando jovem, 151  
Um quieto furacão, 154  
Duas ou três coisas boas que podemos dizer dele, 156  
A mulher por trás do DNA, 159  
Atualidade de Orwell, 162  
A história e a vida, 165  
Olga e suas irmãs, 168  
Encontro marcado, 171  
Uma grande mulher, 173  
Lembrando Clarice, 175  
Vianna Moog, intérprete do Brasil, 177  
O Brasil em sete personagens, 181  
Lembrando Olga Benario, 184  
Um fenômeno no marketing literário, 186  
Um pioneiro na luta contra a fome, 189  
O mito do escritor que não escreve, 191  
Uma estranha, e admirável, mulher, 194  
Escritores e preconceitos, 197  
O primeiro hippie, 199

### III. OUTRAS HISTÓRIAS

Conversa entre irmãos, 205  
Setenta anos depois, 207  
História de mãe, 211  
Punta Brás, 213  
O vegetariano, 216  
A arte secreta de pedir esmolas, 218  
O amigo secreto, 221  
Terrores culinários, 224

Aconteceu no metrô, 227  
Três histórias da História do Brasil, 229  
Aflição dos escritores, 233  
Mais aflições dos escritores, 236  
Diário de um cubano, 239  
Cuba: a controvérsia, 243  
Cuba: o que concluir?, 246  
Médico & monstro (no trânsito), 249  
O nascimento de um sonho, 251

## I. LEITURAS, LIVROS, LITERATURA

# O papo é a literatura

[17/10/1977]

Há quem não goste, mas eu particularmente acho que o encontro de um escritor com o público (especialmente o público jovem) é uma experiência muito interessante. Não que o escritor vá escrever melhor por causa disso; talvez até escreva, em função do enriquecimento que significa esse contato. Também não acho que o público vá ampliar seus conhecimentos sobre a literatura propriamente dita em função de um papo com escritor. Mas penso que o principal resultado desses encontros é a desmistificação de aspectos da atividade literária — que, em nosso país (como em muitos outros), se reveste de uma aura mágica. A verdade é que a palavra escrita impõe respeito, especialmente nos lugares em que boa parte da população ainda não a domina inteiramente.

Então, a primeira coisa que os alunos (vamos nos restringir a alunos) descobrem é que o escritor é um ser de carne e osso igual a todo mundo. Ele não entra voando pela janela, não emite nenhuma luz mágica. Fala. Responde perguntas.

As perguntas feitas aos escritores são interessantes. Refletem a concepção de que a literatura se gera no escritor como resul-



tante de uma conjuntura peculiar, de certas manobras, de determinados ritos. Os alunos perguntam a que horas o escritor escreve, como é que ele escreve, o que faz com o texto depois de pronto etc. E aí descobrem que alguns escritores escrevem de manhã, outros à tarde e outros, ainda, à noite (nem sempre os mais obscuros). Alguns usam lápis, outros caneta, uns terceiros máquinas de escrever, manuais ou elétricas. Hoje em dia são raríssimos os escritores que, como à Era das Cavernas, gravam seus trabalhos em pedra. É possível encontrar ainda alguns escrevendo com pena de pato (especialmente os de estilo mais rebuscado). Que eu saiba, não há escritores utilizando o computador em seus trabalhos; talvez o *nouveau roman* tendesse para isso, mas ainda estamos aguardando.

Os alunos descobrem que alguns escritores escrevem de pé (como Hemingway) e outros, deitados (como Proust); pode ser que um dia alguém descubra que a busca da virilidade é que mantinha Hemingway ereto, e que a cama de Proust simbolizava uma ânsia secreta por um divã de analista. Por enquanto, ainda não há correlação visível entre o decúbito adotado e a obra literária resultante.

Pergunta-se muito aos escritores como e por que começaram a escrever. Como, não é difícil descobrir; mas o porquê, ah, o porquê. O que leva alguém a buscar na palavra escrita a forma de expressão? É uma coisa herdada? É alguma comida que fez mal? É um vírus? E, se é um vírus, há vacina contra este vírus? (Muitos censores gostariam de usá-la, decerto.)

Depois vêm as perguntas de ordem geral. Divórcio agora está fora de discussão, mas sobre a censura ainda se pergunta muito — o que obriga o escritor a esforços de imaginação para fornecer uma resposta mais ou menos adequada. O que não quer dizer que o escritor não possa responder a essas e outras indagações. Pode e deve, e o fará na condição de intelectual (não é todo

o mundo que gosta dessa palavra). E de novo voltamos à palavra. Porque o instrumento do intelectual é sem dúvida a palavra; a palavra que ele coloca a serviço do pensamento. O grande mérito do intelectual talvez seja exatamente este: o de não usar a palavra em vão.

E já que estamos falando em palavra, vamos lembrar que para o escritor o lugar mais adequado para a palavra é na página impressa. É ali que ela encontra a plenitude de sua realização, a sua hora da verdade. Portanto, depois de encontro com os escritores, é muito bom se encontrar com os livros. Depois de falar em literatura, é bom procurar a literatura. É ou não é?

# Erico, literatura e medicina

[24/01/1980]

*Olhai os lírios do campo* demonstra, mais do que qualquer outro livro de Erico Verissimo, a atração do escritor pela medicina como tema ficcional. Neto de médico, Erico trabalhou em farmácia numa época de sua vida, o que sem dúvida lhe forneceu subsídios sobre doutores e doenças; e médicos com quem conviveu testemunham sua curiosidade sobre o assunto.

Médicos são personagens que atraem os ficcionistas. É uma profissão que lida com a vida e com a morte, com a doença e o sofrimento, e estes são também os temas da grande literatura — como *A montanha mágica*, de Thomas Mann. O médico testemunha toda a fraqueza da humanidade, disse Schopenhauer, e o escritor por vezes testemunha os dramas da medicina. O problema é que nem todos os escritores têm a visão de um Erico Verissimo, assim como nem todos os médicos são Hipócrates, ou Osler, ou Albert Schweitzer. Medicina é um grande tema para a literatura, mas às vezes a abordagem do grande tema fica apenas na intenção — e de boas intenções o inferno literário

está cheio. Curiosamente, nem sempre são os médicos os que melhor tratam de sua profissão em termos ficcionais, apesar de o médico-escritor não ser uma espécie rara — só aqui no Rio Grande temos os exemplos de Dyonélio Machado e de Cyro Martins, e também os de Paulo Dias Fernandes, José Eduardo Degrazia, além do meu próprio caso. O problema aí é o do distanciamento. Para escrever sobre um tema, você tem de digeri-lo primeiro. Foi o que aprendi com “Doutor Miragem”, novela que escrevi e reescrevi várias vezes — até compreender que tinha de tratar o médico como personagem e não olhar o personagem como médico.

Mesmo os ficcionistas têm dificuldades com seus personagens médicos. O erro mais frequente é o da idealização: o doutor-sacerdote, bonzinho, impecável. O expoente máximo desta linha é o edulcorado A. J. Cronin (aliás, médico) e dela derivaram as séries de TV tipo *Doutor Kildare*. A distorção oposta, que pretende revelar a “sordidez” dos bastidores médicos — por exemplo, os best-sellers americanos lançados no Brasil pela Record —, também é comum. Enfim, é difícil conjugar ficção com uma visão crítica, madura, da medicina. Nesse sentido, continua digna de citação a peça de Bernard Shaw, *O dilema do médico*, que é de 1911, mas continua mantendo surpreendente atualidade. O magistral prefácio deveria fazer parte dos currículos das escolas de Medicina. Já no início, diz Shaw: “Que a nação pague aos cirurgiões pelo número de pernas que amputam, da mesma maneira que paga aos padeiros pelo número de pães que produzem, é o bastante para nos fazer desesperar da visão política da humanidade”. Pois é exatamente por esse critério que o Inamps paga, até hoje, pelos serviços que recebe.

Shaw é irônico, Erico é sobretudo tolerante. Mas o grande escritor gaúcho soube transformar seus personagens médicos em seres humanos. A adaptação para a TV de *Olhai os lírios do campo*

o demonstrará. Milhões de espectadores poderão vivenciar as emoções de uma obra que nada tem de escapista, impregnada, como está, de um profundo sentido de realidade.

# Três leituras de engajamento

[13/08/1982]

A primeira leitura é dos anos 40, 50. Você é então um adolescente: seu rosto espinhento, conflagrado, dá uma ideia de seu tumulto interior. Seu coração ora se confrange com a miséria e a injustiça — você sofre todas as dores do mundo — ora bate mais forte em solidariedade com a luta, nem sempre vitoriosa, mas sempre esperançosa, dos fracos, dos humildes, dos pobres da Terra. Ainda estão presentes na memória de todos os ecos da memorável e fragorosa derrota imposta ao nazifascismo, no conflito em que a pátria do socialismo, a União Soviética, mostrou a força esmagadora de seu punho de aço: Stalingrado! As lágrimas te vêm aos olhos. Por toda a parte, os povos coloniais sacodem o jugo, proclamam sua independência e a fé no socialismo. Jorge Amado é o intérprete fiel do sentimento e da fé de milhões. O mundo está cheio de Cavaleiros da Esperança, de Capitães da Areia. O mundo é o jovem Pedro Bala, disposto a lutar até o fim por sua dignidade. Quanto ao Brasil, acabou de sair da ditadura getulista, tem um Partido Comunista que é legal, que fala a portuários, gráficos e ferroviários através de seus disciplinados líde-

res. Em Porto Alegre, como em muitas outras cidades, jovens varam as madrugadas discutindo nos bares do Bom Fim e da Cidade Baixa as estratégias para chegar ao socialismo. Quando se despedem, ficam a vaguear pelas ruas inquietos, insones, à espera do novo dia que vai nascer: sob o braço, livros: Marx, Lênin, romances do povo, e — sempre — Jorge Amado.

A segunda leitura é dos anos 60, talvez 70. O clima é de amargura, de ceticismo, de cinismo mesmo. Os crimes do stalinismo já foram revelados, a União Soviética já mostrou a Berlim, em Budapeste e em Praga que seus tanques não brincam em serviço; mas tampouco brinca em serviço o imperialismo: Guatemala, baía dos Porcos... Aqui no Brasil, depois da euforia juscelinista e do intervalo surrealista, e ou trágico, o jovem e feroz capitalismo mostrou que também não queria muita conversa: depois de 64, foi o silêncio.

Neste mundo, os primeiros livros de Jorge Amado parecem ingênuos; simples demais, se não simplórios; enganosos até, para alguns. E a própria mudança de rumo do escritor, em direção ao lirismo, ao humor, parece confirmar que a primeira parte de sua obra, a engajada, tornou-se anacrônica, superada. Nem por isso o novo Jorge Amado deixa de encantar milhões; ao contrário, seus livros difundem-se pelo mundo todo, o vídeo encarrega-se de mostrar suas histórias àqueles que têm menos acesso à palavra escrita. A posição do escritor está definitivamente consagrada e até a Academia Brasileira de Letras acaba por acolhê-lo.

E chegamos a essa inquietude incógnita que é a década dos 80, a década que vê o Brasil render homenagens ao escritor que completa setenta anos no pleno domínio de seu ofício, ao intelectual cuja mensagem — cada vez mais serena e ponderada — encontra ouvidos sempre atentos. A qual Jorge Amado se refere essa consagração? Ao de *Gabriela*, provavelmente. Ao de *Dona Flor*. Ao dos *Velhos marinheiros*.

Mas há quem pense no jovem Jorge Amado, no escritor engajado, e desta vez não com irrestrita admiração, nem com hostil desconfiança; mas talvez, com uma compreensão mais profunda do que possa significar este engajamento.

A propósito, uma historinha. À época da Revolução Cultural, os funcionários da embaixada chinesa em Londres saíam à rua, todas as manhãs, e punham-se a ler em coro, para as passantes, o *Livro vermelho* de Mao. A um incrédulo, um dos chineses explicou que, na realidade, eles não esperavam convencer ninguém da validade dos pensamentos de Mao; o que eles estavam fazendo era representar um papel — o papel de alguém que acredita tão profundamente em suas convicções que não se importa de passar por ridículo. E essa representação, sim, estava destinada a emocionar, e portanto a convencer as pessoas.

Temos a tendência a rejeitar os escritores engajados porque não acreditamos neles, porque o mundo não é aquilo que descrevem, aquela marcha inexorável e gloriosa rumo a um brilhante ideal. Mas, assim fazendo, deixamos de pensar na literatura engajada como representação, como *wishful thinking*, realmente o mundo não é assim que ele deveria ser, e assim ele será, se os leitores forem muitos e tiverem bastante fé — a fé que o escritor tem em sua obra, quando é jovem e acredita na palavra como a alavanca que pode mover o mundo e alterar o curso da História. É assim que se deve ler a literatura engajada, quase como se fosse um *objet trouvé*. Comovedor, ou apenas curioso, ou ainda lamentável, este objeto, uma vez por nós encontrado, se incorpora à nossa existência e portanto merece respeito. Merece carinho também, e merece ternura. A esquerda é festiva? Melhor a festa do que o velório. Façamos nossa a festa de Jorge Amado.